

Galinho sem destino certo

Larissa Leite

O destino do Galinho de Brasília, um dos blocos carnavalescos mais tradicionais da cidade, está nas mãos do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). Até o final deste mês, a 4ª Promotoria de Defesa da Ordem Urbanística (Prourb) irá expedir uma recomendação ao GDF, que informará se os foliões

do bloco devem continuar se concentrando na comercial da 203/4 Sul, conforme uma tradição de 17 anos.

A Prourb irá analisar proposta da Secretaria de Cultura, apresentada na última quarta-feira, de que, no Carnaval de 2009, os foliões do Galinho poderão se concentrar no Eixo Rodoviário (Eixão), na altura da quadra 203/204, em vez de permanecer na comercial.

A proposta da Secretaria de Cultura foi feita em reunião, no MP, que também contou com a presença da direção do Galinho, de moradores da Asa Sul, da Administração de Brasília e da Secretaria de Segurança Pública. O encontro foi motivado por um relatório que os moradores entregaram à Prourb, reivindicando oficialmente a saída do bloco da comercial.

Um dos motivos é o con-

fronto entre policiais e foliões, ocorrido este ano, após a saída do Galinho da comercial, que deixou cerca de 20 pessoas feridas. Ainda durante a reunião, os moradores aprovaram a solução proposta pela secretaria, enquanto a diretoria do Galinho a rejeitou, defendendo a tradição do bloco.

"O MP irá analisar tudo o que foi dito e apresentado e se posicionar quanto à proposta da

Secretaria de Cultura. Em toda solução, pode ter alguém insatisfeito, mas temos tomar alguma providência para que não aconteça, no próximo ano, o mesmo que ocorreu neste Carnaval", afirma Paulo José Leite, promotor da Prourb.

Os promotores só devem se pronunciar até o final do mês, mas Paulo considerou a proposta da secretaria bem avaliada. "Na sugestão, o Galinho man-

tém-se próximo de onde sai atualmente, mas em um lugar mais amplo", ressalta.

"O que apresentamos não é nenhuma imposição, mas algo para ser analisado até chegar a um consenso entre foliões e moradores. Como esse objetivo não foi atingido, é o MP quem deve avaliar nossa proposta", afirma o subsecretário de Mobilização e Eventos da Secretaria de Cultura, Raimundo Nonato.

Recomendação esperada

Segundo Raimundo Nonato, o órgão irá seguir o que o MP recomendar. Ainda assim, pondera sobre a continuidade do Galinho na comercial. "No Carnaval, a bebida sempre está presente. E bebida e responsabilidade não combinam. Não temos como prever o que pode acontecer ano que vem, caso o Galinho permaneça na comercial. Como teve tumulto este ano, os foliões podem ficar mais equilibrados ou também podem radicalizar ainda mais", alertou.

Para o representante dos Conselhos Comunitário da Asa Sul e da Prefeitura da 203 Sul, Armando Ollaik, o mais importante é evitar novos confrontos. "O Galinho cresceu muito e está ocupando um lugar que não o comporta. Foi isso que gerou a confusão deste ano, que não queremos que se repita. A proposta da secretaria é interessante", diz. Já a vice-prefeita da 203 Sul, Mara Marcaccini Guide, enfatiza que os moradores das quadras vizinhas também se incomodam com o comportamento dos foliões.

"No Galinho, os moradores não conseguem sair ou entrar nas suas quadras devido à imensa quantidade de carros que param nas quadras. Já

tiveram casos de moradores passarem mal e a ambulância não conseguir chegar. E quem estaciona nas quadras não fica atento, quebrando lixeiras, placas e calçadas. Além disso, as pessoas fazem necessidades fisiológicas na quadra e até sexo. Depois, quem arca com toda a limpeza e reformas é a prefeitura, ou seja, os moradores", reclama.

■ Pela permanência

A diretoria do Galinho, porém, defende a permanência do bloco na quadra, onde os foliões saltam ao som do frevo, desde 1992. O diretor-executivo do Galinho, Franklin Maciel Torres, é enfático: "Se o Galinho sair da comercial, pode até acabar. A tradição está arraigada ao lugar onde o bloco foi criado, onde sempre existiu", afirma.

Segundo o diretor, o bloco não se adapta ao Eixão. "Nós trabalhamos com uma Orquestra de Sopros, não com um trio elétrico. Por isso, nossa música precisa de barreiras físicas para funcionar. Não atinge as pessoas, se ficar em um local muito amplo", alega.

Para Franklin, não há motivo para tirar o Galinho da comercial, que tornou-se apenas um lugar de passagem. "O

número de foliões do Galinho aumentou, mas a nossa proposta é de ficar na quadra no máximo quatro horas. As pessoas devem seguir com a gente depois disso", contou. O horário proposto por Franklin é de 16h às 20h, no sábado e segunda de Carnaval. Após esse horário, o bloco segue para o Gran Folia, espaço de concentração dos blocos, que fica entre a Biblioteca Nacional e o antigo prédio do Touring Club.

O Galinho saiu da comercial, após a concentração, apenas nos dois últimos carnavais. Durante 15 anos, o bloco permanecia na quadra até as 23h, no máximo. A administradora de Brasília, Ivelise Longhi, participou da reunião no MP. Segundo nota do órgão, Ivelise, durante o encontro, ressaltou a importância cultural do bloco para o Carnaval da cidade e o necessário respeito aos moradores na concessão do alvará para a atividade carnavalesca.

A administradora também ponderou que "procura a melhor solução para as duas partes, moradores e foliões". A Secretaria de Segurança informou, na reunião, que, independentemente do local da festa, garantirá a tranquilidade dos foliões.

Saiba mais

CEDOC/LEGINO FILHO/3.2.08

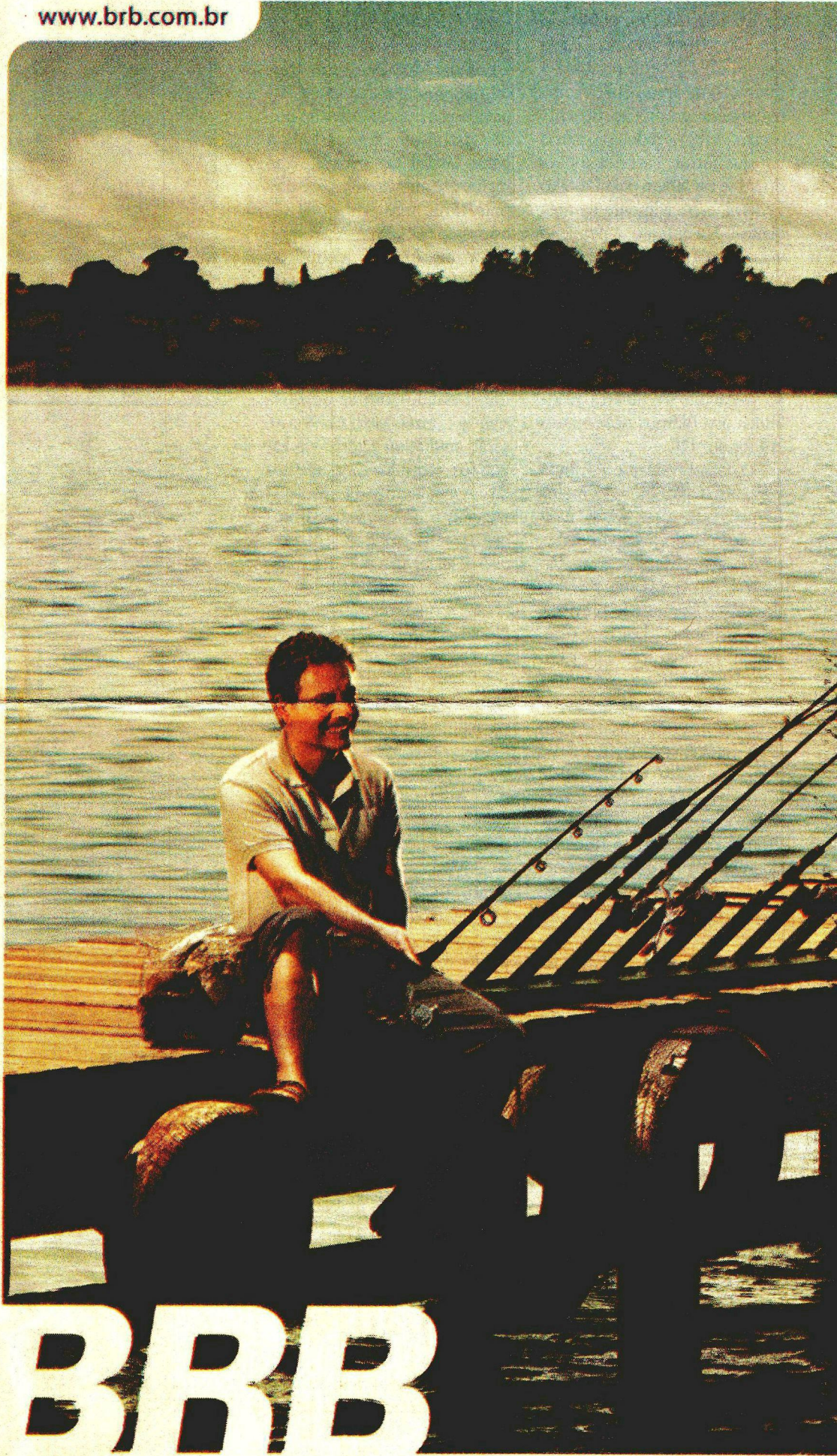


■ CONFRONTO ENTRE FOLIÕES E O BOPE, NO CARNAVAL DESTES ANO, DEIXOU 20 FERIDOS

O Galinho de Brasília foi criado em 1992, por um grupo de pernambucanos que veio morar em Brasília e sentia falta dos Carnavais de Olinda e Recife. O nome é uma alusão ao Galo da Madrugada, bloco de frevo que chega a reunir 1,5 milhão foliões nas principais ruas de Recife. Desde sua criação, o Galinho concentra os foliões na comercial da 203/204 Sul. O bloco possui uma orquestra de frevos própria, com 30 músicos de sopro. Com os anos, o Galinho ganhou cada vez mais adeptos e, no Carnaval deste ano, reuniu cerca de 30 mil pessoas em dois dias, ao longo da comercial, com 400 metros de extensão. Mas, no dia 3 de fevereiro, o Galinho foi marcado não pela alegria, mas pela violência. Um confronto entre policiais e foliões deixou

cerca de 20 pessoas feridas. Após a confusão, três oficiais da Polícia Militar foram afastados das suas funções temporariamente. No momento do confronto, havia cerca de duas mil pessoas na rua, que decidiram não seguir o bloco até o Gran Folia, em um percurso de dois quilômetros. A confusão começou às 20h, quando 35 PMs tentaram desocupar a rua para dar passagem aos carros. Alguns foliões resistiram e o Batalhão de Operações Especiais (Bope) foi chamado. Ao chegar na entrecadrua, o batalhão usou bombas de efeito moral, spray de pimenta, gás lacrimogêneo e balas de borracha contra foliões, que atiraram latas, copos e garrafas contra os policiais.

www.brb.com.br



O Galinho deve continuar na comercial da 203/204?

FOTOS: FERNANDO RODRIGUES

"Sim, o Galinho deve continuar porque já é tradição e é uma época de festa, acontece só uma vez por ano. Não considero muito barulhento, não vejo problemas. Ainda não levei meu filho porque ele era muito pequeno, mas eu já curti o Carnaval lá"

Jaqueline Costa, 43 anos, bancária, moradora da 203 Sul



"Não, o Galinho tem que sair daqui. Já aconteceu de eu não querer viajar no Carnaval, mas me sinto obrigado a sair de Brasília. Quando eu era pequeno era bom, porque não tinha tanta gente. Agora, fica lotado, não gosto de ficar em casa por causa do barulho enorme"

Felipe Luis Sterquino, 16 anos, estudante, morador da 204 Sul



"Para mim, tanto faz, porque eu não gosto de Carnaval. Mas eu não me incomodo, acho que as pessoas podem brincar sim. Eu só não gosto de barulho muito alto. Mas, como sempre viajo no Carnaval, por mim, a festa pode continuar acontecendo na quadra"

Maryzel Moutinho, 81 anos, aposentada, moradora da 203 Sul



"O Galinho virou um transtorno. De uma brincadeira saudável, se tornou um enorme tumulto. Aqui não tem estrutura para esse Carnaval e as pessoas que frequentam já não têm educação. Eles quebram as coisas e fazem necessidades fisiológicas na quadra"

Edeon Borges Júnior, 47 anos, empresário, morador da 204 Sul

